

5

Conclusão

Este trabalho foi motivado pela inquietação diante do exercício da docência de língua portuguesa, especialmente quando da utilização do livro didático como suporte pedagógico. A pesquisa é uma tentativa de encaminhar sistematicamente questões ligadas ao livro didático, detidamente em relação à concepção de linguagem explicitada ou sugerida nesses manuais, por meio de metáforas conceptuais que comparecem em seus prefácios ou em suas [AICs]. Além das metáforas, consideramos, também, as indicações mais diretas que esses autores fornecem nos prefácios das coleções quanto à abordagem de linguagem que informa seus livros.

Considerada a limitação da amostragem analisada, o confronto aqui realizado entre a concepção subjacente de linguagem presente nos prefácios das coleções e aquela sugerida pelas metáforas conceptuais utilizadas nas [AICs] não autoriza generalizações absolutas acerca da natureza dos [LDPs] utilizados hoje pelas redes de ensino no Brasil. No entanto, pudemos servir-nos desses resultados para verificar em que medida eles reforçam as afirmações descritas de início. Esforçamo-nos para gerar uma amostragem de dados que permitisse estabelecer uma articulação relevante entre a pesquisa empírica e o quadro teórico utilizado. Essa articulação resultou neste trabalho, cuja construção longe está de responder a todas as indagações e inquietações que nos surgiram relacionadas ao fenômeno observado.

Nossa abordagem amparou-se teoricamente na chamada Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson, (2002 [1980]), brevemente apresentada no capítulo 2, além de outros estudos críticos ali também descritos. O capítulo 3 dedicou-se à análise dos prefácios e das [AICs], tendo entre seus principais resultados a identificação de (27) metáforas para interpretação e compreensão de textos, as quais, tomando como domínio-alvo as noções de *texto*, *sentido* e *leitura*, foram classificadas, de acordo com a tipologia de Lakoff e Johnson (ibidem), em *orientacionais*, *ontológicas*, *estruturais*. O capítulo 4 promoveu um cotejo entre as análises dos prefácios e das [AICs], buscando verificar seus pontos de

convergência e/ou divergência. Interessou-nos ali especialmente examinar a tensão entre uma concepção de linguagem mais tradicional (immanentista), análoga à metáfora do conduto de Reddy (2000 [1979]) e uma concepção alternativa, de inclinação pragmática.

Entre os principais resultados da pesquisa, gostaríamos de destacar os seguintes:

- (i) O conjunto de (27) metáforas para compreensão e interpretação de textos identificadas nos [LDPs] analisados reforça as teses de Lakoff & Johnson (2002[1980]) sobre a onipresença da metáfora em nossos sistemas conceituais, somando-se às muitas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no mundo todo sob a perspectiva desse quadro teórico nas últimas décadas.
- (ii) A análise reforça também a tese de Reddy (2000 [1979]) acerca da disseminação da *metáfora do conduto* em nossas formas mais arraigadas de pensar a linguagem e o sentido. Fala em favor dessa tese a grande recorrência, no *corpus*, de metáforas ontológicas que tendem a *entificar* a linguagem e o sentido.
- (iii) Os resultados desta pesquisa são ainda favoráveis à hipótese de Marcuschi (2001), segundo a qual a concepção de linguagem subjacente aos [LDPs] contribui para a sua natureza formulaico-receituária, ao tomar inadvertidamente a linguagem como sistema autônomo e a-histórico. Esperamos que este trabalho possa contribuir para uma conscientização maior e uma caracterização mais clara dessa concepção subjacente.
- (iv) O estudo indica, por fim, haver algum descompasso entre as perspectivas de linguagem presentes nos prefácios e aquelas que comparecem efetivamente nas [AICs] propostas. Notamos que há uma tendência nesses prefácios de conceberem a linguagem como organismo vivo, em constante transformação, ligada e construída dentro de contextos interativos. Apesar disso, as metáforas

conceptuais utilizadas nas [AICs], em muitos de seus enunciados, parecem sugerir que os domínios aqui delimitados em *texto, leitura e sentido* são peças isoladas, a-históricas, descontextualizadas e estáveis.

A questão do livro didático de português gera hoje inquietação, como vimos, entre muitos autores sensíveis à inadequação do trabalho que vem sendo desenvolvido nas escolas no campo da compreensão e interpretação de textos. Esperamos que, de alguma forma, este trabalho possa somar-se a outros no sentido de contribuir para reverter os problemas percebidos. A análise aqui empreendida faculta sua aplicação às pesquisas voltadas para a construção do discurso no livro didático de português. Esperamos provocar outras investigações sobre o fenômeno abordado.

Temos notícia de alguns relevantes trabalhos sobre esse tema. Entretanto, ainda estamos por considerar relativamente escassos os estudos nessa área específica. Esperamos, de alguma forma, provocar outras investigações sobre o fenômeno abordado.